

LITERATURA E IDENTIDADE

Milton Hatoum

Antes de ser discutida, a noção de identidade já vem impregnada de um sentido de subtração, de algo a ser recuperado. Dizemos ou ouvimos alguém dizer: a perda da identidade, o resgate da identidade. Palavra que emite sinais negativos, a noção de identidade se esfuma em palavras de ordem ou frases imperativas.

Nas cidades periféricas como Manaus (cenário provinciano de uma região que conjuga natureza e exotismo), a identidade na literatura confunde-se com a noção do regionalismo. Ser idêntico a si mesmo, expressar os valores de uma região torna-se repetição e enfado. Em outras palavras, o regionalismo significa resignar-se a uma cadeia de estereótipos, que são os filhos legítimos dos pré-conceitos: a sensualidade tropical, a natureza exuberante, os tropos (ou tristes tópicos) do homem versus natureza. A estereotipia elege como natural um referencial pré-concebido...

A identidade não deve ser uma adesão passiva ao real com que fomos enformados. Forma compacta, o estereótipo é uma fábrica de convenções, um antídoto contra a invenção. Nesse sentido, a identidade é uma busca. Para um escritor, essa busca se perde num labirinto de vivências e experiências, mediada pelo aparato da linguagem. Como muitos labirintos, este também parece não ter saída. A memória, esta sim, parece emitir sinais de uma identidade plural. Só posso pensar na minha identidade irmanada à memória. De certa forma, sou, enquanto escrevo, fruto desta memória difusa; a índia que me embalou na rede da infância; a mesma índia que mal falava o português e trabalhava como uma escrava; os velhos judeus e árabes que contavam histórias de outras latitudes; o português que filmava cenas da nossa infância manauara; os caboclos que vendiam peixe antes do amanhecer... E o cheiro do tacacá, um caldo quente e apimentado é também um traço cultural e invoca lembranças de tardes suarentas. (Um gole de tacacá causa um travo na língua e um tremor na memória; e mesmo aqui, perto da mata cerrada, a alusão às “petites madeleines” perdura...). N e s s a enumeração de lembranças há traços da experiência de que fala Walter Benjamin: um conhecimento do passado que se prolonga... Neste movimento da memória involuntária, as cenas fisgadas do passado são invocadas ao léu ou linearmente, mas é a linguagem que materializa (com maior ou menor fidelidade) os sinais da memória. Minha identidade passeia entre essas reminiscências; ela é ao mesmo tempo a busca de um estilo e de um rosto que, no espelho do passado revela-se através de múltiplas faces. Nos escritos supostamente autobiográficos reside uma dupla separação: a temporal e a da identidade.¹ O Eu que escreve no presente persegue um estilo, e persevera em reinventar o passado... É nessa busca (de um passado feito presente através de um estilo) que residem minhas senhas de identidade.²

¹ Jean Starobinsky, *La Relation Critique*, Paris, Gallimard, 1970.

² Na texto de apresentação do seminário “Literatura e Identidade” realizado no Instituto Goethe, nos dias 4 e 5 de novembro de 1993, a professora Suzi Frankl Sperber comentou as questões que seriam abordadas durante o encontro de escritores. As idéias que agora exponho, coadunam-se com as do texto da professora Suzi Sperber. Em outro texto, (“Escrever à margem da História”) tentei esboçar a percepção de um leitor-escritor na periferia do Brasil. Ainda que de forma tangencial, a questão da identidade subjaz nesse texto apresentado no primeiro dia do seminário.